Quadras ao Gosto Popular Fernando Pessoa

Enviado por:

Publicado em: 16/02/2012 12:19:54

Cantigas de portugueses São como barcos no mar — Vão de uma alma para outra Com riscos de naufragar.

Eu tenho um colar de pérolas Enfiado para te dar: As per'las são os meus beijos, O fio é o meu penar.

A terra é sem vida, e nada Vive mais que o coração... E envolve-te a terra fria E a minha saudade não!

Deixa que um momento pense Que ainda vives ao meu lado... Triste de quem por si mesmo Precisa ser enganado!

Morto, hei de estar ao teu lado Sem o sentir nem saber... Mesmo assim, isso me basta P'ra ver um bem em morrer.

Não sei se a alma no Além vive... Morreste! E eu quero morrer! Se vive, ver-te-ei; se não, Só assim te posso esquecer.

Se ontem à tua porta

Mais triste o vento passou —

Olha: levava um suspiro...

Bem sabes quem to mandou...

Entreguei-te o coração, E que tratos tu lhe deste! É talvez por 'star estragado Que ainda não mo devolveste ...

A caixa que não tem tampa Fica sempre destapada Dá-me um sorriso dos teus Porque não quero mais nada.

Tens o leque desdobrado Sem que estejas a abanar. Amor que pensa e que pensa Começa ou vai acabar.

Duas horas te esperei Dois anos te esperaria. Dize: devo esperar mais? Ou não vens porque inda é dia?

Toda a noite ouvi no tanque A pouca água a pingar. Toda a noite ouvi na alma Que não me podes amar.

Dias são dias, e noites São noites e não dormi... Os dias a não te ver As noites pensando em ti.

Trazes a rosa na mão E colheste-a distraída... E que é do meu coração Que colheste mais sabida?

Teus olhos tristes, parados, Coisa nenhuma a fitar... Ah meu amor, meu amor, Se eu fora nenhum lugar!

Depois do dia vem noite, Depois da noite vem dia E depois de ter saudades Vêm as saudades que havia.

No baile em que dançam todos Alguém fica sem dançar. Melhor é não ir ao baile Do que estar lá sem lá estar.

Vale a pena ser discreto? Não sei bem se vale a pena. O melhor é estar quieto E ter a cara serena.

Rosmaninho que me deram, Rosmaninho que darei, Todo o mal que me fizeram Será o bem que eu farei.

Tenho um relógio parado Por onde sempre me guio. O relógio é emprestado E tem as horas a fio.

Quando é o tempo do trigo É o tempo de trigar, A verdade é um postigo A que ninguém vem falar.

Levas chinelas que batem No chão com o calcanhar. Antes quero que me matem Que ouvir esse som parar.

Em vez da saia de chita Tens uma saia melhor. De qualquer modo és bonita, E o bonita é o pior.

Levas uma rosa ao peito E tens um andar que é teu... Antes tivesses o jeito De amar alguém, que sou eu.

Teus brincos dançam se voltas A cabeça a perguntar. São como andorinhas soltas Que inda não sabem voar.

Tens uma rosa na mão. Não sei se é para me dar. As rosas que tens na cara, Essas sabes tu guardar.

Fomos passear na quinta, Fomos à quinta em passeio. Não há nada que eu não sinta Que me não faça um enleio.

Os alcatruzes da nora

Andam sempre a dar e dar, É para dentro e pra fora E não sabem acabar.

Ó minha menina loura, Ó minha loura menina, Dize a quem te vê agora Que já foste pequenina ...

Tens um livro que não lês, Tens uma flor que desfolhas; Tens um coração aos pés E para ele não olhas.

Nunca dizes se gostaste Daquilo que te calei. Sei bem que o adivinhaste. O que pensaste não sei.

O vaso que dei àquem Que não sabe quem lho deu Há de ser posto à janela Sem ninguém saber que, é meu.

Tive uma flor para dar A quem não ousei dizer Que lhe queria falar, E a flor teve que morrer.

Quando olhaste para trás, Não supus que era por mim. Mas sempre olhaste, e isso faz Que fosse melhor assim.

Todos os dias eu penso Naquele gesto engraçado Com que pegaste no lenço Que estava esquecido ao lado.

Tens uma salva de prata Onde pões os alfinetes... Mas não tem salva nem prata Aquilo que tu prometes.

Adivinhei o que pensas Só por saber que não era Qualquer das coisas imensas Que a minh'alma sempre espera. Ouvi-te cantar de dia. De noite te ouvi cantar. Ai de mim, se é de alegria! Ai de mim, se é de penar!

Por um púcaro de barro Bebe-se a água mais fria. Quem tem tristezas não dorme, Vela para ter alegria.

O malmequer que arrancaste Deu-te nada no seu fim, Mas o amor que me arrancaste, Se deu nada, foi a mim.

Teu xaile de seda escura É posto de tal feição Que alegre se dependura Dentro do meu coração.

O manjerico comprado Não é melhor que o que dão. Põe o manjerico ao lado E dá-me o teu coração.

Rosa verde, rosa verde,... Rosa verde é coisa que há? É uma coisa que se perde Quando a gente não está lá.

A rosa que se não colhe Nem por isso tem mais vida. Ninguém há que te não olhe Que te não queira colhida.

Há verdades que se dizem E outras que ninguém dirá. Tenho uma coisa a dizer-te Mas não sei onde ela está.

Quando ao domingo passeias Levas um vestido claro. Não é o que te conheço Mas é em ti que reparo.

Tenho vontade de ver-te Mas não sei como acertar. Passeias onde não ando, Andas sem eu te encontrar. Andorinha que passaste, Quem é que te esperaria? Só quem te visse passar. E esperasse no outro dia.

Nuvem do céu, que pareces Tudo quanto a gente quer, Se tu, ao menos, me desses O que se não pode ter!

O burburinho da água No regato que se espalha É como a ilusão que é mágoa Quando a verdade a baralha.

Leve sonho, vais no chão A andares sem teres ser. És como o meu coração Que sente sem nada ter.

Vai alta a nuvem que passa. Vai alto o meu pensamento Que é escravo da tua graça Como a nuvem o é do vento.

Ambos à beira do poço Achamos que é muito fundo. Deita-se a pedra, e o que eu ouço É teu olhar, que é meu mundo.

Aquela senhora velha
Que fala com tão bom modo
Parece ser uma abelha
Que nos diz: "Não incomodo".

Maria, se eu te chamar, Maria, vem cá dizer Que não podes cá chegar. Assim te consigo ver.

Boca com olhos por cima Ambos a estar a sorrir... Já sei onde está a rima Do que não ouso pedir.

Quem lavra julga que lavra Mas quem lavra é o que acontece... Não me dás uma palavra E a palavra não me esquece. Tinhas um pente espanhol No cabelo Português, Mas quando te olhava o sol, Eras só quem Deus te fez.

Boca de riso escarlate E de sorriso de rir... Meu coração bate, bate, Bate de te ver e ouvir.

Quem me dera, quando fores Pela rua sem me ver, Supor que há coisas melhores E que eu as pudera ter.

Acendeste uma candeia Com esse ar que Deus te deu. Já não é noite na aldeia E, se calhar, nem no céu.

Eu te pedi duas vezes Duas vezes, bem o sei, Que por fim me respondesses Ao que não te perguntei.

Não digas mal de ninguém Que é de ti que dizes mal. Quando dizes mal de alguém Tudo no mundo é igual.

Todas as coisas que dizes Afinal não são verdade. Mas, se nos fazem felizes, Isso é a felicidade.

Dás nós na linha que cose Para que pare no fim. Por muito que eu pense e ouse, Nunca dás nó para mim.

Não sei em que coisa pensas Quando coses sossegada... Talvez naquelas ofensas Que fazes sem dizer nada.

As gaivotas, tantas, tantas, Voam no rio pro mar... Também sem querer encantas, Nem é preciso voar. As ondas que a maré conta Ninguém as pode contar. Se, ao passar, ninguém te aponta, Aponta-te com o olhar.

Todos os dias que passam Sem passares por aqui São dias que me desgraçam Por me privarem de ti.

Quando cantas, disfarçando Com a cantiga o cantar, Parece o vento mais brando Nesta brandura do ar.

Não sei que grande tristeza Me fez só gostar de ti Quando já tinha a certeza De te amar porque te vi.

A mantilha de espanhola Que trazias por trazer Não te dava um ar de tola Porque o não podias ter.

Boca de riso escarlate Com dentes brancos no meio, Meu coração bate, bate, Mas bate por ter receio.

Se há uma nuvem que passa Passa uma sombra também. Ninguém diz que é desgraça Não ter o que se não tem.

Tu, ao canto da janela Sorrias a alguém da rua, Porquê ao canto, se aquela Posição não é a tua?

Dá-me, um sorriso ao domingo, Para à segunda eu lembrar. Bem sabes: sempre te sigo E não é preciso andar.

Tens olhos de quem não quer Procurar quem eu não sei. Se um dia o amor vier Olharás como eu olhei. Pobre do pobre que é ele E não é quem se fingiu! Por muito que a gente vele Descobre que já dormiu.

Não me digas que me queres Pois não sei acreditar. No mundo há muitas mulheres Mas mentem todas a par.

Água que não vem na bilha É como se não viesse. Como a mãe, assim a filha... Antes Deus as não fizesse.

Ó loura dos olhos tristes Que me não quis escutar... Quero só saber se existes Para ver se te hei de amar.

Há grandes sombras na horta Quando a amiga lá vai ter... Ser feliz é o que importa, Não importa como o ser!

O moinho de café Mói grãos e faz deles pó. O pó que a minh'alma é Moeu quem me deixa só.

Dizem que não és aquela Que te julgavam aqui. Mas se és alguém e és bela Que mais quererão de ti?

Tenho um livrinho onde escrevo Quando me esqueço de ti. É um livro de capa negra Onde inda nada escrevi.

Olhos tristes, grandes, pretos, Que dizeis sem me falar Que não há filhos nem netos De eu não querer amar.

Meu coração a bater Parece estar-me a lembrar Que, se um dia te esquecer, Será por ele parar. Quantas vezes a memória Para fingir que inda é gente, Nos conta uma grande história Em que ninguém está presente

Trazes o vestido novo Como quem sabe o que faz. Como és bonita entre o povo, Mesmo ficando para trás!

A tua boca de riso Parece olhar para a gente Com um olhar que é preciso Para saber que se sente.

A laranja que escolheste Não era a melhor que havia. Também o amor que me deste Qualquer outra mo daria.

Se o sino dobra a finados Há de deixar de dobrar. Dá-me os teus olhos fitados E deixa a vida matar!

Por muito que pense e pense No que nunca me disseste, Teu silêncio não convence. Faltaste quando vieste.

Tome lá, minha menina, O ramalhete que fiz. Cada flor é pequenina, Mas tudo junto é feliz.

A vida é pouco aos bocados. O amor é vida a sonhar. Olho para ambos os lados E ninguém me vem falar.

Dei-lhe um beijo ao pé da boca Por a boca se esquivar. A idéia talvez foi louca, O mal foi não acertar.

Compras carapaus ao cento, Sardinhas ao quarteirão. Só tenho no pensamento Que me disseste que não. Duas horas te esperei.

Duas mais te esperaria.

Se gostas de mim não sei...

Algum dia há de ser dia ...

Tenho um desejo comigo Que me traz longe de mim. É saber se isto é contigo Quando isto não é assim.

Leve vem a onda leve
Que se estende a adormecer,
Breve vem a onda breve
Que nos ensina a esquecer.

Quando a manhã aparece Dizem que nasce alegria. Isso era se Ela viesse. Até de noite era dia.

Nuvem alta, nuvem alta, Porque é que tão alta vais? Se tens o amor que me falta, Desce um pouco, desce mais!

Teu carinho, que é fingido, Dá-me o prazer de saber Que inda não tens esquecido O que o fingir tem de ser.

A luva que retiraste Deixou livre a tua mão. Foi com ela que tocaste, Sem tocar, meu coração.

O avental, que à gaveta Foste buscar, não terá Algibeira em que me meta Para estar contigo já?

Quando vieste da festa, Vinhas cansada e contente. A minha pergunta é esta. Foi da festa ou foi da gente?

Rouxinol que não cantaste, Galo que não cantarás, Qual de vós me empresta o canto Para ver o que ela faz? Quando chegaste à janela Todos que estavam na rua Disseram: olha, é aquela, Tal é a graça que é tua!

Nuvem que passas no céu, Dize a quem não perguntou Se é bom dizer a quem deu: "O que deste, não to dou."

"Vou trabalhando a peneira E pensando assim assim. Eu não nasci para freira. Gosto que gostem de mim."

Roseiral que não dás rosas Senão quando as rosas vêm, Há muitas que são formosas Sem que o amor lhes vá bem.

Ribeirinho, ribeirinho, Que vais a correr ao léu Tu vais a correr sozinho, Ribeirinho, como eu.

"Vesti-me toda de novo E calcei sapato baixo Para passar entre o povo E procurar quem não acho."

Tua boca me diz sim, Teus olhos me dizem não. Ai, se gostasses de mim E sem saber a razão.

Quero lá saber por onde Andaste todo este dia! Nunca faz-bem quem se esconde Mas onde foste, Maria?

O vaso do manjerico Caiu da janela abaixo. Vai buscá-lo, que aqui fico A ver se sem ti te acho.

O cravo que tu me deste Era de papel rosado. Mas mais bonito era inda O amor que Me foi negado, Trazes os sapatos, pretos Cinzentos de tanto pó. Feliz é quem tiver netos De quem tu sejas avó!

Vem de lá do monte verde A trova que não entendo. É um som bom que se perde Enquanto se vai vivendo.

Moreninha, moreninha, Com olhos pretos a rir. Sei que nunca serás minha, Mas quero ver-te sorrir.

Puseste a chaleira ao lume Com um jeito de desdém. Suma-te o diabo que sume Primeiro quem te quer bem!

Lá vem o homem da capa Que ninguém sabe quem é... Se o lenço os olhos te tapa Veio os teus olhos por fé.

Loura dos olhos dormentes, Que são azuis e amarelos, Se as minhas mãos fossem pentes, Penteavam-te os cabelos.

O sino dobra a finados. Faz tanta pena a dobrar! Não é pelos teus pecados Que estão vivos a saltar.

Traze-me um copo com água E a maneira de o trazer. Quero ter a minha mágoa Sem mostrar que a estou a ter.

Olha o teu leque esquecido! Olha o teu cabelo solto! Maria, toma sentido! Maria, senão não volto!

Já duas vezes te disse Que nunca mais te diria O que te torno a dizer E fica para outro dia. Lavadeira a bater roupa Na pedra que está na água, Achas minha mágoa pouca? É muito tudo o que é mágoa.

O teu lenço foi mal posto Pela pressa que to pôs. Mais mal posto é o meu desgosto Do que não há entre nós.

Olhos de veludo falso E que fitam a entender, Vós sois o meu cadafalso A que subo com prazer.

Duas vezes eu tentei Dizer-te que te queria, E duas vezes te achei Só a que falava e ria.

Meu coração é uma barca Que não sabe navegar. Guardo o linha na arca Com um ar de o acarinhar.

Tenho um desejo comigo Que hoje te venho dizer: Queria ser teu amigo Com amizade a valer.

És Maria da Piedade Pois te chamaram assim. Sê lá Maria à vontade, Mas tem piedade de mim.

Tu És Maria da Graça, Mas a que graça é que vem Ser essa graça a desgraça De quem a graça não tem?

Caiu no chão o novelo E foi-se desenrolando. Passas a mão no cabelo. Não sei em que estás pensando.

A tua saia, que é curta, Deixa-te a perna a mostrar: Meu coração já se furta A sentir sem eu pensar. Meu amor é fragateiro. Eu sou a sua fragata. Alguns vão atrás do cheiro, Outros vão só pela arreta.

Vai longe, na serra alta, A nuvem que nela toca... Dá-me aquilo que me falta — Os beijos da tua boca.

HÁ um doido na nossa voz Ao falarmos, que prendemos: É o mal-estar entre nós Que vem de nos percebermos.

Teu vestido porque é teu, Não é de cetim nem chita. É de sermos tu e eu E de tu seres bonita.

Entornaram-me o cabaz Quando eu vinha pela estrada. Como ele estava vazio, Não houve loiça quebrada.

O rosário da vontade, Rezei-o trocado e a esmo. Se vens dizer-me a verdade, Vê lá bem se é isso mesmo.

Castanhetas, castanholas — Tudo é barulho a estalar. As que ao negar são mais tolas São mais espertas ao dar.

O manjerico e a bandeira Que há no cravo de papel — Tudo isso enche a noite inteira, Ó boca de sangue e mel.

Tem A filha da caseira Rosas na caixa que tem. Toda ela é uma rosa inteira Mas não a cheira ninguém.

A moça que há na estalagem Ri porque gosta de rir. Não sei o que é da viagem Por esta moça existir. Lenço preto de orla branca Ataste-o mal a valer À roda desse pescoço Que tem que se lhe dizer.

Aquela loura de preto Com uma flor branca ao peito, É o retrato completo De como alguém é perfeito.

A tua janela é alta, A tua casa branquinha. Nada lhe sobra ou lhe falta Senão morares sozinha.

Vem cá dizer-me que sim. Ou vem dizer-me que não. Porque sempre vens assim P'ra ao pé do meu coração,.

Cortaste com a tesoura O pano de lado a lado. Porque é que todo teu gesto Tem a feição de engraçado?

Ai, os pratos de arroz doce Com as linhas de canela! Ai a mão branca que os trouxe! Ai essa mão ser a dela!

Frescura do que é regado, Por onde a água inda verte... Quero dizer-te um bocado Do que não ouso dizer-te.

Ó pastora, ó pastorinha, Que tens ovelhas e riso, Teu riso ecoa no vale E nada mais é preciso.

A abanar o fogareiro
Ela corou do calor.
Ah, quem a fará corar
De um outro modo melhor!

Manjerico que te deram, Amor que te querem dar... Recebeste o manjerico. O amor fica a esperar. Dona Rosa, Dona Rosa. De que roseira é que vem, Que não tem senão espinhos Para quem só lhe quer bem?

O laço que tens no peito Parece dado a fingir. Se calhar já estava feito Como o teu modo de rir.

Dona Rosa, Dona Rosa, Quando eras inda botão Disseram-te alguma cousa De a flor não ter coração?

Tenho um segredo a dizer-te Que não te posso dizer. E com isto já to disse Estavas farta de o saber ...

Os ranchos das raparigas Vão a cantar pela estrada... Não oiço as suas cantigas Só tenho pena de nada.

Rezas porque outros rezaram, E vestes à moda alheia... Quando amares vê se amas Sem teres o amor na idéia.

A senhora da Agonia Tem um nicho na Igreja. Mas a dor que me agonia Não tem ninguém quem a veja.

Aparta o cabelo ao meio A do cabelo apartado. É a estrelinha em que leio Que estou a ser enganado.

Esse frio cumprimento
Tem ironia p'ra mim.
Porque é o mesmo movimento
Com que a gente diz que sim...

Vejo lágrimas luzir Nos teus olhos de fingida. É como quando à janela Chegas, um pouco escondida. Trincaste, para o partir, O retrós de costurar. Quem não soubesse diria Que o estavas a beijar.

Deixaste o dedal na mesa Só pelo tempo da ausência — Se eu to roubasse dirias Que eu não tinha consciência.

Dá-me um sorriso daqueles Que te não servem de nada Como se dá às crianças Uma caixa esvaziada.

O canário já não canta. Não canta o canário já. Aquilo que em ti me encanta Talvez não me encantará.

Rezas a Deus ao deitar-te Pedindo não sei o quê. Se rezasses ao Demônio, Eu saberia o que é.

Boca que tens um sorriso Como se fosse um florir, Teus olhos cheios de riso Dão-lhe um orvalho de rir.

Uma boneca de trapos Não se parte se, cair. Fizeste-me a alma em farrapos Bem: não se pode partir.

O que sinto e o que penso De ti é bem e é mal. É como quando uma xícara Tem o pires desigual.

Levas a mão ao cabelo Num gesto de quem não crê. Mas eu não te disse nada. Duvidas de mim? Porquê?

Compreender um ao outro É um jogo complicado. Pois quem engana não sabe Se não estava enganado. A roda dos dedos juntos Enrolaste a fita a rir. Corações não são assuntos E falar não é sentir.

Chama-te boa, e o sentido Não é bem o que eu supunha. Boa não é apelido: É, quando muito, alcunha.

Tu És Maria das Dores, Tratam-te só por Maria. Está bem, porque deste as dores A quem quer que em ti se fia.

Se vais de vestido novo O teu próprio andar o diz, E ao passar por entre o povo Até teu corpo é feliz.

Tens um anel imitado Mas vais contento de o ter. Que importa o falsificado Se é verdadeiro o prazer.

Tenho ainda na lembrança Como uma coisa que veio, O quando inda eras criança. Nunca mais me dás um beijo!

O ar do campo vem brando, Faz sono haver esse ar. Já não sei se estou sonhando Nem de que serve sonhar.

Quando ela pôs o chapéu Como se tudo acabasse, Sofri de não haver véu Que inda um pouco a demorasse.

Quem te deu aquele anel Que ainda ontem não tinhas? Como tu foste infiel A certas idéias minhas!

Essa costura à janela Que lhe inclinou a cabeça Fez-me ver como era dela Que o coração tinha pressa. O ribeiro bate, bate
Nas pedras que nele estão,
Mas nem há nada em que bata
O meu pobre coração.

Nunca houve romaria Que se lembrassem de mim... Também quem se lembraria De quem se lamenta assim?

Comes melão às dentadas Porque assim não deve ser. Não sei se essas gargalhadas Me fazem rir ou sofrer.

Há dois dias que não vejo Modo de tornar-te a ver: Se outros também te não vissem, Desejava sem sofrer.

O teu cabelo cortado A maneira de rapaz Não deixa justificado Aquele amor que me faz.

Se te queres despedir Não te despidas de mim, Que eu não posso consentir Que tu me trates assim.

Quem te fez assim tão linda Não o fez para mostrar Que se é mais linda ainda Quando se sabe negar.

Floriu a roseira toda Com as rosas de trepar... Tua cabeça anda à roda Mas sabes-te equilibrar.

Morena dos olhos baços Velados de não sei quê, No mundo há falta de braços Para o que o teu olhar vê.

Quando compões o cabelo Com tua mão distraída Fazer-me um grande novelo No pensamento da vida. Teus olhos de quem não fita Vagueiam, 'stão na distância. Se fosses menos bonita, Isso não tinha importância.

Tocam sinos a rebate E levantaste-te logo. Teu coração só não bate Por a quem puseste fogo.

O coração é pequeno, Coitado, e trabalha tanto! De dia a ter que chorar, De noite a fazer o pranto ...

Deram-me um cravo vermelho Para eu ver como é a vida. Mas esqueci-me do cravo Pela hora da saída.

Fiz estoirar um cartucho Contra a parede do lado. Assim farei eu à vida, Que o sonhar fez-me assoprado.

O malmequer que colheste Deitaste-o fora a falar. Nem quiseste ver a sorte Que ele te podia dar.

Comi melão retalhado E bebi vinho depois, Quanto mais olho p'ra ti Mais sei que não somos dois.

Trazes um lenço novinho Na cabeça e a descair, Se eu te beijar no cantinho Só saberá quem nos vir.

E ao acabar estes versos Feitos em modo menor Cumpre prestar homenagem À bebedeira do cantor.

Toda a noite, toda a noite, Toda a noite sem pensar... Toda a noite sem dormir E sem tudo isso acabar. Puseste um vaso à janela. Foi sinal ou não foi nada, Ou foi p'ra que pense em ti Que te não importas nada?

Eu vi ao longe um navio Que tinha uma vela só, la sozinho no mar... Mas não me fazia dó.

Corre a água pelas calhas Lá segundo a sua lei. Pareces, vista de lado, Aquela que te julguei.

Lá por olhar para ti Não julgues que é por gostar. Eu gosto muito do sol, E nem o posso fitar.

Viraste-me a cara quando la a dizer-te, à chegada, Que, se voltasses a cara, Que eu não me importava nada.

Na quinta que nunca houve Há um poço que não há Onde há de ir encontrar água Alguém que te entenderá.

Voam débeis e enganadas As folhas que o vento toma. Bem sei: deitamos os dados Mas Deus é sue deita a soma.

Ribeirinho, ribeirinho, Que falas tão devagar, Ensina-me o teu caminho De passar sem desejar amar.

Do alto da torre da igreja Vê-se o campo todo em roda. Só do alto da esperança Vemos nós a vida toda.

Dá-me um sorriso a brincar, Dá-me uma palavra a rir, Eu me tenho por feliz Só de te ver e te ouvir. Trazes um lenço apertado Na cabeça, e um nó atrás. Mas o que me traz cansado É o nó que nunca se faz.

Vi-te a dizer um adeus A alguém que se despedia, E quase implorei dos céus Que eu partisse qualquer dia.

Eu voltei-me para trás Para ver se te voltavas. Há quem dê favas aos burros, Mas eles comem as favas.

Deixaste cair no chão O embrulho das queijadas. Riste disso — E porque não? A vida é feita de nadas.

Deste-me um cordel comprido Para atar bem um papel. Fiquei tão agradecido Que inda tenho esse cordel.

No dia de Santo Antônio Todos riem sem razão. Em São João e São Pedro Como é que todos rirão?

Tenho uma pena que escreve Aquilo que eu sempre sinta. Se é mentira, escreve leve. Se é verdade, não tem tinta.

O capilé é barato E é fresco quando há calor. Vou sonhar o teu retrato Já que não tenho melhor.

Baila o trigo quando há vento Baila porque o vento o toca Também baila o pensamento Quando o coração provoca.

Fizeste molhos de flores Para não dar a ninguém. São como os molhos de amores Que foras fazer a alguém. Se houver alguém que me diga Que disseste bem de mim, Farei uma outra cantiga, Porque esta não é assim.

Manjerico, manjerico, Manjerico que te dei, A tristeza com que fico Inda amanhã a terei.

Ris-te de mim? Não me importo. Rir não faz mal a ninguém. Teu rir é tão engraçado Que, quando faz mal, faz bem.

Ouves-me sem me entender. Sorris sem ser porque falo. É assim muita mulher. Mas nem por isso me calo.

Se eu te pudesse dizer O que nunca te direi, Tu terias que entender Aquilo que nem eu sei.

Bailaste de noite ao som De uma música estragada. Bailar assim só é bom Quando a alegria é de nada.

Não sei que flores te dar Para os dias da semana. Tens tanta sombra no olhar Que o teu olhar sempre engana.

Descasquei o camarão, Tirei-lhe a cabeça toda. Quando o amor não tem razão É que o amor incomoda.

Cabeça de ouro mortiço Com olhos de azul do céu, Quem te ensinou o feitiço De me fazer não ser eu?

São já onze horas da noite. Porque te não vais deitar? Se de nada serve ver-te, Mais vale não te fitar. Tiraste o linho da arca, Da arca tiraste o linho. Meu coração tem a marca Que lhe puseste mansinho.

Ao dobrar o guardanapo Para o meteres na argola Fizeste-me conhecer Como um coração se enrola.

Quando eu era pequenino Cantavam para eu dormir. Foram-se o canto e o menino. Sorri-me para eu sentir!

Meia volta, toda a volta, Muitas voltas de dançar... Quem tem sonhos por escolta Não é capaz de parar.

Fui passear no jardim Sem saber se tinha flores Assim passeia na vida Quem tem ou não tem amores.

No dia em que te casares Hei de te ir ver à Igreja Para haver o sacramento De amar-te alguém que ali esteja.

Quando apertaste o teu cinto Puseste o cravo na boca. Não sei dizer o que sinto Quando o que sinto me toca.

Toda a noite ouvi os cães P'ra manhã ouvi os galos. Tristeza — vem ter conosco. Prazeres — é ir achá-los.

Deram-me, para se rirem, Uma corneta de barro, Para eu tocar à entrada Do Castelo do Diabo.

Quando te apertei a mão Ao modo de assim-assim, Senti o meu coração A perguntar-me por mim. Tinhas um vestido preto Nesse dia de alegria... Que certo! Pode pôr luto Aquele que em ti confia.

Só com um jeito do corpo Feito sem dares por isso Fazes mais mal que o demônio Em dias de grande enguiço.

Esse xaile que arranjaste, Com que pareces mais alta Dá ao teu corpo esse brio Que à minha coragem falta.

Tem um decote pequeno, Um ar modesto e tranqüilo; Mas vá-se lá descobrir Coisa pior do que aquilo!

Teus olhos poisam no chão Para não me olhar de frente. Tens vontade de sorrir Ou de rir? É tão difrente!

Quando passas pela rua Sem reparar em quem passa, A alegria é toda tua E minha toda a desgraça.

A esmola que te vi dar Não me deu crença nem fé, Pois a que estou a esperar Não é esmola que se dê.

Caiu no chão a laranja E rolou pelo chão fora. Vamos apanhá-la juntos, E o melhor é ser agora.

Quando te vais a deitar Não sei se rezas se não. Devias sempre rezar E sempre a pedir perdão.

É limpo o adro da igreja. É grande o largo da praça. Não há ninguém que te veja Que te não encontre graça. Quando agora me sorriste Foi de contente de eu vir, Ou porque me achaste triste, Ou já estavas a sorrir?

Boca que o riso desata Numa alegria engraçada, És como a prata lavrada Que é mais o lavor que a prata.

Por cima da saia azul Há uma blusa encarnada, E por cima disso os olhos Que nunca me dizem nada.

Fazes renda de manhã E fazes renda ao serão. Se não fazes senão renda, Que fazes do coração?

Todos te dizem que és linda. Todos to dizem a sério. Como o não sabes ainda Agradecer é mistério.

Eu bem sei que me desdenhas Mas gosto que seja assim, Que o dendém que por mim tenhas Sempre é pensares em mim.

A tua irmã é pequena, Quando tiver tua idade, Transferirei minha pena Ou fico só com metade?

Quando me deste os bons dias Deste-mos como a qualquer. Mais vale não dizer nada Do que assim nada dizer.

Tenho uma idéia comigo De que não quero falar. Se a idéia fosse um postigo Era pra te ver passar.

Andorinha que vais alta, Porque não me vens trazer Qualquer coisa que me falta E que te não sei dizer?

Tenho um lenço que esqueceu A que se esquece de mim. Não é dela, não é meu, Não é princípio nem fim.

Duas horas vão passadas Sem que te veia passar. Que coisas mal combinadas Que são amor e esperar!

Houve um momento entre nós Em que a gente não falou. Juntos, estávamos sós. Que bom é assim estar só!

"Das flores que há pelo campo O rosmaninho é rei. . . " É uma velha cantiga... Bem sei, meu Deus, bem o sei.

O moinho que mói trigo Mexe-o o vento ou a água, Mas o que tenho comigo Mexe-o apenas a mágoa.

Aquela que tinha pobre
A única saia que tinha,
Por muitas roupas que dobre
Nunca será mais rainha.

Tens uns brincos, sem valia E um lenço que não é nada, Mas quem dera ter o dia De quem és a madrugada.

Loura, teus olhos de céu Têm um azul que é fatal.. Bem sei: Foi Deus que tos deu. Mas então Deus fez o mal?

Vai alta sobre a montanha Uma nuvem sem razão. Meu coração acompanha O não teres coração.

Dizem que as flores são todas Palavras que a terra diz. Não me falas: incomodas. Falas: sou menos feliz.

Duas vezes jurei ser O que julgo que sou, Só para desconhecer Que não sei para onde vou.

O pescador do mar alto Vem contente de pescar. Se prometo, sempre falto: Receio não agradar.

Todos lá vão para a festa Com um grande azul de céu. Nada resta, nada resta... Resta sim, que resta eu.

Andei sozinho na praia Andei na praia a pensar No jeito da tua saia Quando lá estiveste a andar.

Onda que vens e que vais Mar que vais e depois vens, Já não sei se tu me atrais, E, se me, atrais, se me tens.

Quando há música, parece Que dormes, e assim te calas, Mas se a música falece, Acordo, e não me falas.

Trazes uma cruz no peito. Não sei se é por devoção. Antes tivesses o jeito De ter lá um coração.

O guardanapo dobrado Quer dizer que se não volta. Tenho o coração atado: Vê se a tua mão mo solta.

"À tua porta está lama. Meu amor, quem na faria?" É assim a velha cantiga Que como tu principia.

Menina de saia preta

E de blusa de outra cor, Que é feito daquela seta Que atirei ao meu amor?

Lavas a roupa na selha Com um vagar apressado, E o brinco na tua orelha Acompanha o teu cuidado.

Duas vezes te falei De que te iria falar. Quatro vezes te encontrei Sem palavra p'ra te dar.

Velha cadeira deixada No canto da casa antiga Quem dera ver lá sentada Qualquer alma minha amiga.

Trazes a bilha à cabeça Como se ela não houvesse. Andas sem pressa depressa Como se eu lá não estivesse.

Trazes um manto comprido Que não é xaile a valer. Eu trago em ti o sentido E não sei que hei de dizer.

Olhas para mim às vezes Como quem sabe quem sou. Depois passam dias, meses, Sem que vás por onde vou.

Quando tiraste da cesta Os figos que prometeste Foi em mim dia de festa, Mas foi a todos que os deste.

Aquela que mora ali E que ali está à janela Se um dia morar aqui Se calhar não será ela.

Mas que grande disparate É o que penso e o que sinto. Meu coração bate, bate E se sonho minto, minto. Puseste por brincadeira A touca da tua irmã. Ó corpo de bailadeira, Toda a noite tem manhã.

Dizes-me que nunca sonhas E que dormes sempre a fio. Quais são as coisas risonhas Que sonhas por desfastio?

O teu carrinho de linha Rolou pelo chão caído. Apanhei-o e dei-to e tinha Só em ti o meu sentido.

A vida é um hospital Onde quase tudo falta. Por isso ninguém te cura E morrer é que é ter alta.

Que tenho o coração preto Dizes tu, e inda te alegras. Eu bem sei que o tenho preto: Está preto de nódoas negras.

Na praia de Monte Gordo. Meu amor, te conheci. Por ter estado em Monte Gordo É que assim emagreci.

Saudades, só portugueses Conseguem senti-las bem. Porque têm essa palavra Para dizer que as têm.

"Mau, Maria!" — tu disseste Quando a trança te caía. Qual "Mau, Maria", Maria! "Má Maria"' "Má Maria!"

Era já de madrugada E eu acordei sem razão, Senti a vida pesada. Pesado era o coração.

Boca de romã perfeita Quando a abres p'ra comer. Que feitiço é que me espreita Quando ris só de me ver? Tenho um segredo comigo Que me faz sempre cismar, É se quero estar contigo Ou quero contigo estar.

Trazes já aquele cinto Que compraste no outro dia. Eui trago o que sempre sinto E que é contigo, Maria.

Teu olhar não tem remorsos Não é por não ter que os ter. É porque hoje não é ontem E viver é só esquecer.

Disseste-me quase rindo:
"Conheço-te muito bem!"
Dito por quem me não quer.
Tem muita graça, não tem?

Fica o coração pesado Com o choro que chorei. É um ficar engraçado O ficar com o que dei. . .

Este é o riso daquela Em que não se reparou. Quando a gente se acautela Vê que não se acautelou.

Tens vontade de comprar O que vês só porque o viste. Só a tenho de chorar Porque só compro o ser triste.

Baila em teu pulso delgado Uma pulseira que herdaste... Se amar alguém é pecado. És santa, nunca pecaste.

Teus olhos querem dizer Aquilo que se não diz... Tenho muito que fazer. Que sejas muito feliz.

Água que passa e canta É água que faz dormir... Sonhar é coisa que encanta, Pensar é já não sentir.

Deste-me um adeus antigo À maneira de eu não ser Mais que o amigo do amigo Que havia de poder ter.

Linda noite a desta lua. Lindo luar o que está A fazer sombra na rua. Por onde ela não virá.

O papagaio do paço Não falava — assobiava. Sabia bem que a verdade Não é coisa de palavra.

Puseste a mantilha negra Que hás de tirar ao voltar. A que me puseste na alma Não tiras. Mas deixa-a estar!

Trazes os brincos compridos, Aqueles brincos que são Como as saudades que temos A pender do coração.

Deixaste cair a liga Porque não estava apertada... Por muito que a gente diga A gente nunca diz nada.

Não há verdade na vida Que se não diga a mentir. Há quem apresse a subida Para descer a sorrir.

No dia de S. João Há fogueiras e folias. Gozam uns e outros não, Tal qual como os outros dias.

Santo Antônio de Lisboa Era um grande pregador, Mas é por ser Santo Antônio Que as moças lhe têm amor.